

Cientistas como Einstein e Freud, filósofos como Benjamin e Adorno, compositores como Mahler e Schoenberg e escritores como Heine, Kafka e Canetti são paradigmáticos para a dimensão sem par da contribuição de judeus de língua alemã à cultura universal. Para não poucos, a cultura ligada à língua alemã ou a sua identidade nacional não era menos importante que a judaica. Eles eram parte da Europa judaica, de uma cultura desenvolvida à custa de muito sofrimento, extraordinariamente criativa e multifacetada, cujo povo foi desalojado e quase que completamente exterminado pela Alemanha nazista.

Depois disso, poderia existir novamente algum dia amizade entre judeus e alemães? Hendrik van Dam, na época secretário-geral do Conselho Central dos Judeus na Alemanha, constatou em 1966: "Hoje a simbiose judaico-alemã transformou-se numa psicose judaico-alemã". E a ninguém causa admiração o resultado de uma enquete realizada em 1977, que revelou que apenas 10% dos cidadãos judeus do país tinham um sentimento de pátria em relação à Alemanha. Uma nova enquete, esta em 1990, apresentou um quadro muito diferente: dois terços da população judaica, apesar de integrados à sua cultura, viam-se "em primeiro lugar como alemães". Na mesma época, a população não-judaica do país mostrou-se entusiasmada com a exposição "Mundos de Vida Judaicos", uma transversal através da vida e trabalho judaicos ao longo dos séculos e nos continentes. Realizada em Berlim, no inverno de 1991-92, ela atraiu 350.000 visitantes, entre os quais centenas de classes escolares.

No meio tempo, a extinção do bloco soviético e da URSS foram decisivas para a transformação das pequenas comunidades judaicas na Alemanha, que viram crescer suas necessidades em virtude das correntes migratórias de judeus do Leste Europeu. Para Michael Brenner, professor de história e cultura judaicas na Universidade de Munique, a maior parte dos judeus na Alemanha planeja seu futuro no próprio país. "Após um longo período de dúvidas, hoje parece que eles podem fazer isto também sendo judeus. As condições institucionais para a vida judaica na Alemanha –da comunidade local ao Conselho Central, da Conferência dos Rabinos à Escola Superior de Estudos Judaicos, da escola judaica ao clube de aposentados– foram criadas nas primeiras cinco décadas de existência judaica no após-guerra. Nas próximas décadas, cabe preenche-la com vida nova".

"Em um novo espírito" também é o título, não por acaso, da exposição que documenta as novas construções de sinagogas do arquiteto frankfurtiano Alfred Jacoby. Que hoje, na Alemanha, judeus e não-judeus conciliam o interesse pela cultura judaica é muito bem expresso pelos concertos do Coro Sinagoga de Leipzig, atualmente integrado apenas por não-judeus. Uma mostra de sete filmes, entre ficcionais e documentários, oferece uma visão multifacetada de judeus na Alemanha. E a palestra de Andreas Nachama, ex-presidente da diretoria da comunidade judaica de Berlim, assim como o encontro com o arquiteto Alfred Jacoby, possibilitarão um retrato atual da cultura judaica na Alemanha e da sua nova vivacidade. É este o objetivo deste conjunto de eventos, organizado pela Associação Brasileira A Hebraica de São Paulo, o Centro da Cultura Judaica, a Congregação Israelita Paulista, o Consulado Geral da República Federal da Alemanha e o Instituto Goethe São Paulo.